

BLOCO 05

# Viver de novo

CAPÍTULO 22

CRIADA E ESCRITA POR

EVERALDO JÚNIOR

21H

PERSONAGENS:

LÍGIA - Juliana Paes  
LEVI - Danilo Mesquita  
JÚLIA - Thainá Duarte  
TEODORA - Ju Colombo  
MAURO - Leonardo Vieira  
RAQUEL - Bárbara França  
JORGE - Marcos Pasquim  
NENA - Zezé Polessa  
GABRIELA - Gabriela Medeiros  
ROSÂNGELA - Evelyn Castro  
VICENTE - Fábio Porchat  
IVAN - João Vicente de Castro

CECÍLIA - Heslaine Vieira  
LEONORA - Malu Galli  
LYRIS - Juliana Paiva  
CAMILA - Simone Spoladore  
HELENA - Mariana Lima  
ESTELA - Suyane Moreira  
CAIO - Diego Cruz  
VALMIR - Allan Souza Lima  
TIAGO - Levi Asaf  
ULISSES - Leonardo Brício

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

CLARICE - Isabelle Drummond  
CÁSSIA - Alice Carvalho  
LÍLIAN - Lavínia Vlasak  
MARIA LÚCIA - Selma Egrei

MARISTELA - Regina Braga  
CACO - Kiko Mascarenhas

ONTV

CENA 01. EXT. NOITE. PRÉDIO.

Raquel sai do prédio em direção a seu carro e é surpreendida com Mauro armado.

MAURO

Eu vou te destruir sua desgraçada.  
Eu vou acabar com você.

Raquel fica nervosa e Nena aparece atrás do carro.

RAQUEL

Larga essa arma, seu maldito.

MAURO

Eu vou destruir você, Raquel.

SONOPLASTIA: SINAL - EDUARDO QUEIROZ

RAQUEL

Você não pode está falando sério,  
Mauro. Larga essa arma.

MAURO

Você armou aquele golpe pra mim...  
Você me deixou bêbado. Eu assinei  
aqueles documentos, CONFIANDO EM  
VOCÊ.

RAQUEL

Da mesma forma que minha irmã  
confiou em você.

MAURO

Você não tem medo de morrer?

RAQUEL

Eu não tenho. Eu já morri lá atrás,  
quando você, seu infeliz, tirou  
minha irmã de mim.

Mauro fica nervoso e abalado.

RAQUEL (CONT'D)

Vai, atira. Carrega mais uma morte  
para as suas costas, desgraçado.  
Bora, cê não é homem? Não foi homem  
pra manipular minha irmã e jogar  
ela em uma clinica de esquina para  
abortar? Bora, meu filho. Seja  
homem.

MAURO

Eu te amo, Raquel. Eu me apaixonei por você. Me perdoa.

RAQUEL

Covarde! Fraco! Você é um fracasso, Mauro, um completo inútil. Nunca teve o amor da sua filha, nunca mereceu o amor da mulher que suportou você por anos. Você é desprezível, um ser vazio, insignificante, um peso morto no mundo. Um andarilho sem rumo, um parasita sem propósito. É nojento, patético, repulsivo... tenho absoluto nojo de você!

Mauro começa a chorar e cai de joelhos no chão chorando.

SONOPLASTIA: DOUCEMENT - EDUARDO QUEIROZ

Raquel, com uma frieza implacável, entra no carro luxuoso e parte, deixando Mauro para trás, solitário na vastidão da própria insignificância. Ele desaba em lágrimas, cada gota carregando o amargor que ele semeou ao longo de sua vida. Ali, sozinho, seu pranto é o eco silencioso de tudo o que destruiu, o gosto do vazio que agora o consome.

CENA 02. EXT. NOITE. JARDIM DO PRÉDIO.

No jardim, Cecília procura Júlia, logo encontrando.

CECÍLIA

Júlia?

JÚLIA

Cecília...

CECÍLIA

Eu queria conversar com você.

JÚLIA

Eu estou com um menino aqui... Mas eu posso conversar com você. Deixa só eu falar com ele.

CECÍLIA

Não... Não precisa.

Caio se aproxima e surpreende Cecília.

CECÍLIA (CONT'D)  
É esse o menino que você estava?

JÚLIA  
Sim... Vocês se conhecem?

Caio e Cecília ficam sem ação.

CAIO  
Eu... Eu e a Cecília/

CECÍLIA  
(interrompendo)  
A gente se conhece. Como vai, Caio?

CAIO  
Eu estou bem e você?

CECÍLIA  
Eu também. Fico feliz.

JÚLIA  
O Rio de Janeiro é realmente muito  
pequeno, né? Mas, me conta, você  
precisa de alguma coisa?

CECÍLIA  
Não... Na verdade, eu vim pedir  
desculpas. Eu acabei me fechando  
quando soube da sua existência e  
você... você é minha irmã, Júlia.  
Eu não posso te tratar assim.

JÚLIA  
Assim que a mamãe contou a  
história, eu entendi completamente  
o seu lado. Eu também fiquei meio  
magoada, mas ela já passou por  
tanta coisa que a gente nem sabe.

CECÍLIA  
Como assim?

JÚLIA  
Cecília, eu não posso revelar o que  
já aconteceu na vida da nossa mãe.

CECÍLIA  
Ah sim. É, você tem razão. Agora eu  
preciso ir.

JÚLIA  
Não, fica pra jantar com a gente.

CECÍLIA

Eu, de fato, preciso ir. Seria um prazer, mas fica para próxima.

JÚLIA

Tá bom. Eu vou cobrar.

Júlia abraça Cecília.

CENA 03. INT. NOITE. APARTAMENTO DE LEVI.

Levi abre e Leonora adentra.

LEONORA

Então é você a Lígia? A mulher que meu filho está apaixonado?

LEVI

Mãe, eu não te chamei aqui.

LEONORA

Que isso, meu filho? Isso lá é jeito de falar coma sua mãe? E você, não vai se apresentar, querida?

LÍGIA

Assim que me for pedido. Eu me chamo Lígia, prazer.

LEONORA

É a namoradina do meu filho?

Lígia e Leonora se fuzilam com o olhar.

LÍGIA

Namoradina não é bem o termo.

LEONORA

Erro meu... Erro meu. Imagina se com essa idade, você se encaixaria como namoradina do meu filho.

LÍGIA

Acredito que em nenhuma idade eu me resumiria a namoradina de ninguém. Eu sempre batalhei para ter as coisas, sabe?

LEONORA

Imagino.

LÍGIA

Pois é, trabalho duro. Durante muito tempo. E você, trabalhou de que?

LEONORA

Eu nasci em berço de ouro e fui muito bem casada. Trabalhar nunca foi uma necessidade financeira pra mim.

LÍGIA

Ah, mas pra mim, trabalhar é uma responsabilidade social, sabe? Você trabalhar, se torna uma pessoa digna. Olha, com todo respeito, eu jamais ficaria confortável em ser bancada por papai, depois por maridinho... Acho que por isso somos tão diferentes.

Leonora engole seco a provocação de Lília.

LEVI

A senhora quer jantar comigo, mãe?

LEONORA

Não... Eu vou embora. Eu vim aqui mais pra perguntar quem era a mulher que você estava, mas acabei conhecendo.

LÍGIA

Eu sou muito mais que a mulher que ele estava. De qualquer forma, foi um imenso prazer te conhecer, querida.

LEONORA

O prazer é todo meu.

Leonora se despede e sai, assim, Lília e Levi começam a rir.

CENA 04. INT. NOITE. ESTÚDIO BRAGA.

Maristela adentra na sala onde Ivan está pensativo e nervoso.

MARISTELA

Filho? O que aconteceu? Você me chamou com pressa? Eu só vi agora.

IVAN

Eu quero saber que história é essa de parentesco entre eu e a Cecília. Que loucura é essa.

Vicente entra.

VICENTE

Eu tive que contar. Eu não poderia deixar ele tentar nada com ela, mãe. Eles são irmãos.

IVAN

Isso só pode ser brincadeira. Vocês estão em achando com cara de otário, é isso? Que marmota é essa?

VICENTE

Ivan, entende.

IVAN

Eu quero ouvir da boca dela... Fala, mãe. Me diz que história é essa.

Maristela sai da sala misteriosamente.

CENA 05. EXT. NOITE. CASA DE NENA.

Raquel entra na casa de Nena.

RAQUEL

Mãe? Cadê você? Mãe?

Nena se aproxima de Raquel.

NENA

Oi, Raquel.

RAQUEL

Mãe, eu consegui melhorar de vida. Vamos sair desse bairro, viver em um lugar melhor.

NENA

Raquel, você está subestimando minha inteligência? Pelo amor de Deus, eu sei que esse dinheiro é sujo. Maldito.

RAQUEL

Mãe, larga essa mentalidade. Foi com isso que a senhora não saiu daqui. A Camila, o Tiago merecem um futuro melhor e eu posso dar esse futuro.

NENA

Eu sei o que você fez contra o Mauro. Eu sei que você pegou todo dinheiro dele.

RAQUEL

Sim, eu roubei o dinheiro dele. Ele merece.

NENA

Merece? Porque merece?

RAQUEL

Ele ceifou a vida da minha irmã.

NENA

Você não percebeu que esse homem está louco? Eu fui atrás de você e vi quando ele apontou aquela arma. Ele quer te destruir, Raquel. Eu não quero perder outra filha.

RAQUEL

Ele é fraco, mãe. Não vale nem a pena denunciar. Um homem fraco daquele.

NENA

Raquel, pelo amor de Deus. Fica aqui.

RAQUEL

Vocês precisam ir comigo.

CENA 06. INT. NOITE. APARTAMENTO DE HELENA.

Helena e Jorge assistem ao jornal juntos no sofá, quando Gabriela passa com as malas.

HELENA

Filha? Quês malas são essas?



GABRIELA

Mãe, aconteceu tanta coisa. Esses últimos dias, eu estudei muito, procurei formas de recuperar o patrimônio do meu pai, mas o golpe foi certeiro. A assinatura é autenticada.

HELENA

E pra onde você vai? Eu sinto muito pelo seu pai, mas você não pode se inundar nessa história.

GABRIELA

Como "não posso", mãe? Ele é meu pai. Não tem nem pra onde ir. Eu preciso acolher ele.

HELENA

Você pode alugar um flat. Seu pai é um homem adulto. Não precisa sair daqui, da sua casa para ir cuidar dele como se fosse um bebê precisando de uma mãe.

GABRIELA

Mãe, eu sei que eu vou. Eu também não quero ficar aqui.

Gabriela olha para Jorge, em um olhar que revela uma paixão platônica.

HELENA

Não quer ficar aqui?

GABRIELA

É, mãe. Eu não quero ficar aqui enquanto meu pai enfrenta uma das maiores crises da sua vida. Eu vou indo. Beijo.

Gabriela se despede de Helena e sai.

HELENA

Você viu isso?

JORGE

Filhos...

HELENA

Ai, meu pai do céu. Agora meu sossego acabou. Eu não vou conseguir ficar bem com ela protegendo aquele maluco.

JORGE

É. Faz medo.

HELENA

Sabe uma coisa? Eu não consigo associar essa saída da Gabriela a situação do pai dela.

CENA 07. INT. NOITE. FLAT.

Mauro e Gabriela entram em um flat.

MAURO

Até o apartamento ela me roubou, você acredita, filha?

GABRIELA

Você vai conseguir recuperar. Vai conseguir provar que tudo aquilo foi fruto de um golpe. E eu estou aqui... Eu estou aqui para te ajudar, meu pai.

MAURO

Eu sou contra você vir. Deveria ficar lá. O apartamento da Helena é bem mais confortável.

GABRIELA

Eu também não estava bem lá.

MAURO

Não estava?

GABRIELA

Pai, eu... Eu não sei o que está acontecendo comigo, sabe?

MAURO

O quê?

GABRIELA

Eu sinto que estou vivendo algo tão... ínfimo, quase invisível. Como se apenas meu lado da história existisse, flutuando sozinho. É estranho, mas estou presa em uma espécie de amor platônico pelo Jorge... pelo namorado da minha mãe. Não sei mais o que fazer para afastar isso de mim, entende?

(MORE)

## GABRIELA (CONT'D)

Fico tentando entender se é um desejo de ocupar o espaço dela, de ser amada, beijada, valorizada, ou se é apenas um jogo da minha mente. Sei apenas que lá, no meio de tudo aquilo, eu não estava bem. E talvez, sem perceber, misturei todas essas coisas, me enchi de incertezas, e acabei vindo até aqui pra estar perto do senhor.

## MAURO

Ah, minha filha... Lembra quando diziam que você se parecia tanto comigo? Pois bem, isso é a prova de tudo... Acho que estou passando pela mesma dor, só que em outra medida, em uma intensidade diferente. Eu sinto raiva de mim, um ódio que transborda, mas não é da Raquel. Eu não consigo odiá-la, não consigo sentir raiva dela. Eu a amo, profundamente. Eu aceitaria perder tudo, até a minha própria alma, para continuar ao lado dela. Ela chegou na minha vida como uma luz, mesmo que efêmera, como uma chama que iluminou a escuridão onde eu estava perdido. E, de algum modo, me acostumei com o calor desse amor. A Helena me amou, mas Raquel foi outra etapa, outra fase da minha vida. Eu estava vulnerável, aberto para receber o que fosse, para me entregar ao amor.

A aproximação entre pai e filha se desenha, delicadamente, nas sombras de suas dores compartilhadas. Como dois corpos que, no vazio de suas angústias, encontram no outro um reflexo do próprio sofrimento, suas feridas tornam-se o ponto de união entre eles. Cada cicatriz, embora distinta em tamanho e profundidade, carrega a mesma dor silenciosa, um eco do que viveram e do que ainda carregam em suas almas. Para Mauro, esse encontro de dores é um momento raramente encontrado em sua existência, uma brecha de humanidade que surge na tempestade de seus sentimentos. Sempre afastado da felicidade, imerso em um mar de insatisfações e rancores, ele nunca soubera que, talvez, o caminho para a paz pudesse nascer da compreensão mútua das suas próprias fragilidades. Mas ali, nesse instante de vulnerabilidade partilhada, ele começa a sentir, pela primeira vez, que a vida, por mais que tenha sido uma adversária cruel, pode, ainda assim, oferecer pequenos fragmentos de redenção.

CENA 08. INT. NOITE. SHOPPING CENTER.

LÍGIA e LEVI caminham juntos, de mãos dadas. Eles trocam olhares e palavras baixas, um sorriso tranquilo nos rostos. O ambiente ao redor está cheio de pessoas, mas tudo parece desacelerado, como se o mundo fosse só deles.

LÍGIA está usando uma blusa de seda leve e uma saia fluida. LEVI, com uma camisa casual e calças jeans, a observa com carinho.

Eles se aproximam de uma praça de alimentação quando LYRIS surge repentinamente à sua frente. Ela os encara, com o rosto marcado pela raiva. Seus cabelos curtos e bem cuidados, o olhar carregado de ressentimento.

LYRIS  
(olha para Levi,  
provocando)  
Então é assim que você se refugia,  
Levi? Em cima de uma mulher velha e  
sem graça?

LÍGIA mantém a calma, mas o olhar se intensifica. LEVI aperta a mão de LÍGIA, um gesto instintivo de defesa.

LÍGIA  
(suavemente)  
Eu não sou a razão pela qual você  
não consegue seguir em frente,  
Lyris.

LYRIS  
(ri com desdém)  
Você realmente acha que ele vai te  
dar o que você espera, Lígia? Vai  
parar de me procurar por você? Ele  
sempre vai voltar para mim. Sempre.

LÍGIA olha diretamente para LYRIS, sem raiva, mas com uma firmeza tranquila.

LÍGIA  
(suavemente, sem raiva)  
Seus sentimentos são seus. Não  
devem ser projetados sobre nós.

LYRIS  
(sorrindo, irônica)  
Ah, claro... Vai se conformar com  
isso, Levi? Se perder numa mulher  
mais velha? Vai se arrepender, pode  
apostar.

LEVI solta um suspiro profundo, a paciência começando a se esgotar. Ele dá um passo à frente, mais decidido.

LEVI

(firme)

Lyris, isso não é mais sobre você. É sobre nós. Eu estou com a Lígia porque ela me faz bem. Não existe mais espaço para você na minha vida.

LYRIS

(escárnio no sorriso)

Você sempre foi fraco, Levi. Não consegue ver além do que quer ver. Vai se arrepender.

LÍGIA puxa suavemente a mão de LEVI, começando a andar. Ela o guia, sem hesitar, com uma leveza que transmite paz.

LÍGIA

(serena)

Vamos, querido. O tempo é precioso demais para desperdiçá-lo com quem não sabe o que é respeito.

Eles se afastam, LYRIS fica para trás, os gritos e palavras amargas se distanciando cada vez mais. O som da hostilidade desaparece.

LÍGIA e LEVI continuam a caminhar de mãos dadas, em sintonia, em paz.

CENA 09. INT. NOITE. MANSÃO VEIGA.

LEONORA está sentada no sofá, olhando para o vazio. O ambiente ao redor é elegante, mas algo na postura de LEONORA transmite um peso que não combina com a riqueza do espaço. Seus olhos estão perdidos, e a luz suave da sala realça a tristeza que ela tenta esconder.

RUTH, a empregada, entra na sala com um olhar preocupado. Ela nota a tristeza de LEONORA e se aproxima, silenciosa, sem pressa de interrogar. Apenas se senta ao seu lado, aguardando que LEONORA quebre o silêncio.

LEONORA

(suspira, sem olhar para Ruth)

Sabe, Ruth... Às vezes eu me sinto tão sozinha, mesmo com toda essa gente ao meu redor.

RUTH observa, com uma expressão suave, mas firme, como quem já conhece os silêncios da patroa.

RUTH  
(quieta, mas acolhedora)  
Você não está sozinha, Leonora. Eu  
estou aqui, sempre estive.

LEONORA se vira para RUTH, a voz trêmula, cheia de uma vulnerabilidade que raramente mostra a outros.

LEONORA  
(olha para Ruth,  
emocionada)  
Mas você não entende... Eu tenho  
tudo o que alguém poderia querer.  
Mas, por dentro, parece que falta  
alguma coisa, e eu não sei o que é.  
Não sei como preencher esse vazio.

RUTH permanece em silêncio por um momento, refletindo sobre as palavras de LEONORA. Ela olha para a patroa com compaixão, mas sem julgamentos.

RUTH  
(mansamente)  
Às vezes, as pessoas têm tudo e  
ainda se sentem vazias porque  
esquecem de cuidar delas mesmas, de  
quem são por dentro, no silêncio...  
Não é sobre o que você tem, mas  
sobre o que você sente.

LEONORA olha para as mãos, como se tentasse encontrar alguma resposta nelas. Ela parece mais leve, mas ainda distante, perdida em seus pensamentos.

LEONORA  
(olhando para o vazio)  
Eu nunca soube como fazer isso.  
Cuidar de mim mesma... Sempre tive  
que ser forte, para todos. E agora,  
quando me vejo sozinha, não sei nem  
por onde começar.

RUTH dá um suspiro suave, mas seu olhar é firme. Ela coloca a mão de LEONORA em sua, uma conexão simples, mas carregada de sinceridade.

RUTH  
(serena)  
Você não precisa ser forte o tempo  
todo, Leonora.  
(MORE)

RUTH (CONT'D)

Às vezes, a força está em saber pedir ajuda, em reconhecer que não há problema nenhum em se sentir frágil.

LEONORA olha para Ruth, uma lágrima escapa sem querer. Ela não se importa em esconder agora. A máscara cai um pouco mais.

LEONORA

(engolindo o choro)

Eu só queria saber como fazer as coisas darem certo. Como não me sentir tão... vazia.

RUTH, com a mesma calma, aperta suavemente a mão de LEONORA.

RUTH

(quieta)

Às vezes, é no silêncio que encontramos as respostas que procuramos. Talvez seja hora de você parar e ouvir a si mesma.

LEONORA respira fundo, como se tentasse absorver as palavras. Seu olhar começa a se suavizar, mas a dor ainda está ali, silenciada, mas não desaparecida.

RUTH (CONT'D)

(sorrindo suavemente)

Eu estou aqui. Se você precisar de algo, é só chamar.

LEONORA sorri fraco, mas agradecida. Sua cabeça se apoia no ombro de Ruth, e por um momento, ela não se sente mais tão sozinha.

CENA 10. INT. MANHÃ. FLAT ALUGADO.

Helena está na portaria e Gabriela vai até ela.

GABRIELA

Mãe? O que você está fazendo aqui?

HELENA

Eu vim falar com você. Eu preciso conversar com você.

GABRIELA

Mãe, eu preciso ficar sozinha.

HELENA  
 Gabriela, você precisa falar  
 comigo.

GABRIELA  
 Tá, vamos em um restaurante aqui  
 perto.

CENA 11. EXT. NOITE. RESTAURANTE.

HELENA e GABRIELA estão sentadas frente a frente, em silêncio, em uma conversa que se estende para além das palavras. A sala é envolta por uma luz suave e acolhedora, quase como se quisesse proteger o que se passa ali dentro.

HELENA, com seus olhos cansados e profundos, observa GABRIELA com uma compreensão silenciosa. GABRIELA mantém as mãos repousadas no colo, os dedos entrelaçados, como se buscasse segurança em seu próprio toque. O olhar dela é intenso, um reflexo das dores guardadas, e ao mesmo tempo vulnerável, ansiando por compreensão.

HELENA  
 E aí?

GABRIELA  
 Você está certa, mãe.

HELENA  
 Em relação a?

GABRIELA  
 Em relação a minha saída da sua casa.

HELENA  
 Como assim, minha filha?

GABRIELA  
 Mãe, eu não queria ficar lá na sua casa.

HELENA  
 Aconteceu alguma coisa? Foi eu? O Jorge?

GABRIELA  
 Mãe, eu me sinto até envergonhada de falar isso.

HELENA  
 Eu sou sua mãe, você não precisa ter vergonha.



GABRIELA

Mãe, eu sinto que isso é algo tão mínimo, efêmero, momentâneo...

HELENA

E se isso mesmo com toda essa efemeridade proferida por suas palavras levou ao afastamento de nós, precisa ser falado. Debatido.

GABRIELA

Durante o intercâmbio, me enredei numa relação com um homem. Fui eu quem escolheu guardar isso, manter só para mim, porque eu queria enfrentar aquilo sozinha, queria que fosse apenas meu. Mas ele... ele me usou, me jogou ao vento como se eu fosse nada. Me tratava como lixo. E, em meio a esse mar revolto de desilusão, voltei para casa, carregando os estilhaços dessa dor silenciosa.

Mas, ao chegar, vejo minha mãe vivendo aquilo que eu tanto sonhava. Ela, envolta nos braços de Jorge, um homem de presença firme e segura, que a olha como se ela fosse feita de luz. Ele a trata com uma delicadeza infinita, como se ela fosse uma flor rara, uma deusa nascida de um jardim secreto. Ele a ama de uma forma que eu só conseguia imaginar – e me deixa com essa nostalgia do que eu ainda nem vivi.

HELENA

Você se apaixonou pelo Jorge?

GABRIELA

Eu... Eu, de forma platônica, deixei crescer uma paixão silenciosa. Um sentimento que, no fundo, eu sabia que nunca poderia florescer. Primeiro, porque eu mesma jamais permitiria – seria uma entrega impossível, um desejo sem caminho. E depois, porque ele te ama. Ele te ama com um fervor tão certo que se torna impossível imaginar qualquer outro lugar onde esse amor possa existir.

(MORE)

GABRIELA (CONT'D)

E eu fico aqui, na margem desse afeto, carregando essa paixão que nunca será mais do que um segredo meu, um eco mudo, um sentimento que apenas aceita o próprio silêncio.

SONOPLASTIA: Andrea Bocelli - Perfidia

Em um gesto de amor materno, Helena envolve Gabriela em um abraço profundo e acolhedor. Seus braços se fecham ao redor da filha com a ternura de quem quer protegê-la do mundo, como se pudesse, naquele instante, afastar qualquer dor que ela carregasse.

CENA 13. INT. NOITE. MANSÃO BRAGA.

Maristela entra dentro de casa, seguida de Ivan e Vicente.

MARISTELA

Você não vai me forçar a revelar algo que eu não quero. Você não merece isso.

VICENTE

Ivan, para com isso!

IVAN

Você precisa me contar a verdade. Chega dessa rede de mentiras. Chega!

VICENTE

Ivan, respeita a nossa mãe.

IVAN

Eu preciso saber a verdade, Vicente. Mãe, me conta.

SONOPLASTIA: Recomeçar (Instrumental) - Tim Bernardes

Com um olhar cheio de lágrimas, Maristela se aproxima dos dois filhos.

MARISTELA

- O pai de vocês, o Caco... Ele era um abusador.

Vicente e Ivan se chocam.

MARISTELA (CONT'D)

Ele abusou da Lígia, da mãe da Cecília.

(MORE)

MARISTELA (CONT'D)  
 Por isso que ela não quer que a  
 pobre Cecília saiba da história.

CENA 14. INT. NOITE. APARTAMENTO DE LÍGIA.

SONOPLASTIA: INSTRUMENTAL RECOMEÇAR CONTINUA.

Júlia anda pelo apartamento e vai até o quarto de Lígia, ela vê a presença de uma caixa. A curiosidade leva a ela a abrir uma caixa a qual ela vê fotos suas bebês com outra mulher.

JÚLIA  
 Sou eu? Quem é essa mulher?

As batidas das pisadas de Lígia até o quarto viram a sonoplastia da cena. Ela está frente a frente com Júlia.

JÚLIA (CONT'D)  
 Quem é essa mulher que estava  
 comigo na hora do parto?

SONOPLASTIA: CAIS - CAETANO VELOSO

LÍGIA  
 (abalada)  
 É a sua mãe biológica.

"Para quem quer me seguir" - Caetano Veloso

CENA 15. INT. NOITE. PORTO.

Raquel está sozinha em um porto, está esperando a chegada de alguém.

"Eu quero mais" - Caetano Veloso

Os passos de uma pessoa chegam até ela.

RAQUEL  
 Eu sabia que você viria.

"Tenho um caminho o que sempre quis e um saveiro pronto pra partir, um vento cais e sei a vez de me lançar"

É mostrado que o homem é Mauro, Raquel atira duas vezes e ele cai em alto mar, morto.

A melodia da música começa a surgir enquanto a escuridão fecha o capítulo.

FIM DE CAPÍTULO

TEMA DE ENCERRAMENTO: Cais - Caetano Veloso.

"Esse é um projeto sem fins lucrativos. Qualquer menção a atriz, ator e músicas são para fins lúdicos".